ISSN:1984-4247
e-ISSN:1984-4255

Antonio Gladenir Brasil Maia*, Marcos Fábio Alexandre Nicolau**, Renato Almeida de Oliveira***

Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade

Luc Ferry and Gianni Vattimo: two philosophical perspectives on the religious phenomenon In contemporaneity

RESUMO

O artigo discute o fenômeno religioso em seu sentido difuso na sociedade contemporânea, levando-se em conta elementos socioculturais, históricos e, acima de tudo, filosóficos. Tal fenômeno vem interpretado ante ao paradoxo da sociedade secularizada e a presença constante da religião para além da esfera privada. Os intérpretes aqui elencados na discussão são pertencentes a tradição continental: Luc Ferry e Gianni Vattimo. O primeiro destaca-se a ideia de uma 'transcendência na imanência' que se vincula a proposta de um 'humanismo secular'. No segundo, a leitura propositiva do fenômeno religioso implica a crítica dos dogmas institucionais em favor da historicidade da condição humana e a prática da caridade.

Palavras-chave: Fenômeno religioso. Secularização. Religião.

ABSTRACT

The article discusses the religious phenomenon in its diffuse sense in contemporary society, taking into account sociocultural, historical and, about everything, philosophical elements. This phenomenon has been interpreted before the paradox of secularized society and the constant presence of religion beyond the private sphere. The interpreters here listed in the discussion belong to the continental tradition: Luc Ferry and Gianni Vattimo. The first highlights the idea of

* Professor da UVA, professor do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).
** Professor da UVA, professor do Mestrado Profissional em Filosofia da UFC.
*** Professor da UVA, professor do Mestrado Profissional em Filosofia da UFC.

a 'transcendence in immanence' which is linked to the proposal of a 'secular humanism'. In the second, the propositional reading of the religious phenomenon implies the critique of institutional dogmas in favor of the historicity of the human condition and the practice of charity.

Keywords: Religious phenomenon. Secularization. Religion.

Introdução: O (retorno do) fenômeno do religioso

Para o professor Manfredo Oliveira, em seu livro *A religião na sociedade urbana e pluralista (2013),* os analistas e intérpretes de nosso tempo, embora apresentem divergências sobre o lugar que ocupa (ou que possa ser ocupado) pelo fenômeno religioso, reconhecem que o mesmo é um elemento imprescindível para uma compreensão adequada da sociedade da modernidade tardia. Em certo sentido, as análises identificadas acenam para a perda da influência das autoridades religiosas; ao mesmo tempo observam que a religião (voltou a ocupar) ocupa um lugar central no contexto cultural de nossas sociedades (não apenas cultural, mas no âmbito político também). "Isso significa dizer que temos hoje tanto fatore que conduzem a religião à insignificância como fatores que favorecem um ressurgimento sob novas formas" (OLIVIERA, 2013, p.13).

A análise do (retorno do) fenômeno religioso hoje, de um ponto de vista sócio histórico, deve levar em consideração as profundas transformações que marcam a sociedade contemporânea nos campos da ciência e tecnologia, nos processos de comunicação e de informação, a guerra nuclear, as ameaças ecológicas, a manipulação genética, etc. Vive-se uma realidade extremamente complexa que afeta fundamentalmente o modo de existência dos indivíduos, suas manifestações culturais e a configuração de suas instituições. Essa complexidade existencial põe o homem contemporâneo numa caminhada em busca do sentido da sua vida, na criação de um cabedal simbólico que possa servir-lhe de norte existencial. A busca por esses conteúdos simbólicos se dá de uma maneira difusa, isso porque não existe um centro ou um ponto de vista unívoco sobre o fenômeno religioso. No entanto, é nas religiões que o conteúdo simbólico-existencial dos homens se constitui de maneira mais sólida, com suas explicações sobre a realidade, seus ritos, suas celebrações, suas personalidades etc., que propõem um estilo de vida leve, de abnegação, doação, um estilo de vida supostamente acessível a todos. Desse modo, a busca pelo sentido da existência marca a vida dos indivíduos, o que abre espaço, consequentemente, para um reavivamento ou uma presença intensa das religiões (Tese da religião como articulação de sentido).

A religiosidade que daí emerge, no entanto, é bem mais complexa com relação à religiosidade tradicional, isso porque, devido à globalização, há um encontro, um choque de culturas, onde os indivíduos se defrontam com as mais diversas visões de mundo, abrindo-se, assim, uma multiplicidade de propostas de sentido, uma enorme gama de interpretações da realidade. Tal complexidade desencadeia um processo de individualização da fé, na qual cada indivíduo, do modo

que lhe seja mais conveniente e de acordo com as influências culturais recebidas, cria seu universo de crenças, dogmas, verdades. É nesse viés que se identifica (três) traços básicos das religiões no contexto contemporâneo, a saber:

> 1) Privatização, que significa a centralidade do indivíduo autônomo capaz de escolher entre as diversas alternativas religiosas, o que tem conduzido a uma espécie de cultura de mercado de bens simbólicos; 2) o trânsito religioso entre os diferentes sistemas religiosos; 3) alargamento para além das fronteiras da religião, para outros setores da vida social, fazendo cruzar religião, economia, ciência, filosofia, ecologia, psicologia etc. (OLIVEIRA, 2013, p. 11).

De um ponto de vista mais genérico, esses traços básicos nada mais refletem do que o caráter difuso que a religião e a religiosidade assumiram em nossos dias. A religião deixou de ter a característica de ser um sistema bem compactado, cristalizado, de crenças e dogmas e abriu-se à novas exigências humanas, como uma forma de sobrevivência. O homem hodierno não abre mão de sua autonomia, arduamente conquistada por lutas históricas, não pensa em abandonar os avanços da ciência e da técnica, os conhecimentos adquiridos pela humanidade. Porém, ainda vê nas religiões um espaço de construção de sentido existencial e, diante disso, as religiões acabam por adaptar suas velhas crenças a esse "novo" homem, sem, contudo, perder seu conteúdo dogmático essencial. Assim, a religião volta a fazer parte central da sociedade contemporânea, sendo um elemento que nos permite compreender essa mesma sociedade, pois o reavivamento religioso é um sintoma do seu modo de organização e funcionamento (pensando aqui com base na tradição marxiana).

Isso é o que podemos denominar de o *paradoxo* do (reencantamento) fenômeno do religioso do mundo. De um lado, o homem procura viver as conquistas da sociedade secularizada, especialmente nos campos da ciência e da tecnologia, sobretudo aliados à medicina, à biogenética e às demais áreas que podem melhorar a qualidade de vida das pessoas; por outro lado, a religião tem conquistado cada vez mais espaço em nossa sociedade: ela tem ocupado, por exemplo, - mesmo depois da prospecção da crítica moderna de que a religião perderia sua significância pública e subsistiria apenas na esfera da vida privada -, um largo espaço na esfera política, pública, participando dos debates sobre questões centrais para a vida social dos indivíduos e, em muitos casos, sendo determinante na condução e decisões em torno dos debates.

O fenômeno do retorno e do papel da religião tem sido abordado por vários intérpretes de diferentes tradições: seja pela tradição analítica (que na sua maioria vem representada por pensadores de língua inglesa), seja pela tradição continental (amplamente dominada por pensadores de países europeus). Para a abordagem neste artigo, optou-se pelos trabalhos de Luc Ferry e Gianni Vattimo circunscritos na chamada tradição continental: Ferry destaca a ideia de uma 'transcendência na imanência' que se vincula a proposta de um 'humanismo secular', na convergência de dois processos: a 'humanização do divino' e a 'divinização do humano. Ao passo que Vattimo avalia positivamente o fenômeno religioso em detrimento a perspectiva do pensamento moderno que pretendeu cancelar o espaço da experiência religiosa, bem como, afirma a necessidade da

renúncia dos dogmas, poder e autoritarismo institucionais em favor da historicidade da condição humana e a prática da caridade. Aqui mais que tentar buscar aproximações e diferenças interessa a análise que Ferry e Vattimo fazem sobre o fenômeno religioso, cumprindo assim com o objetivo de situar as discussões e contribuições sobre tal fenômeno na atualidade.

Luc Ferry e a tese da transcendência na imanência

Posto que há um fortalecimento do religioso na contemporaneidade, é fundamental que seja explicitado como esse processo se desenrola, ou seja, é preciso pensar o estatuto do religioso no âmago da sociedade secularizada como se pretende a nossa. Essa é uma tarefa a que se põe Luc Ferry.

As suas ideias são expostas a partir de um debate travado com Marcel Gauchet, para quem a sociedade atual é marcada por uma separação radical entre o homem e Deus. Isso seria uma continuação do processo de desencantamento iniciado na modernidade, caracterizando assim o humanismo contemporâneo como um humanismo do homem sem Deus. A questão para Gauchet assenta no processo de secularização da vida coletiva que implica na passagem do poder aos homens sem a referência aos deuses, ou melhor, "[...] a dessacralização do poder que significa uma dissolução da sacralidade" (OLIVEIRA, 2013, p. 82). Nesse sentido, Deus tende a se enfraquecer cada vez mais abrindo espaço para que o homem busque o "absoluto terrestre", o qual advém de experiências profanas do religioso. Quer dizer, o homem busca o sentido de sua existência nas condições concretas de sua vida. Por isso, afirma Gauchet que:

> Muitos jovens sonhadores, que se querem modernos até o último fio de cabelo e que se julgam libertos dessas velharias que mal se podem imaginar, são místicos sem sabê-lo, em busca de uma experiência espiritual. Festa, transe, vertigem, estados alterados de consciência obtidos pela música ou por substâncias adequadas: o que sempre está em causa é o acesso a uma outra ordem de realidade. (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 12).

Colocando-se em oposição à tese de Marcel Gauchet, Luc Ferry mostra que é necessário pensar o estatuto do religioso hoje, tendo em vista que se observa um fortalecimento do religioso, uma busca do sagrado. Para tanto, é preciso, antes de mais nada, considerar o cruzamento de um duplo processo, qual seja, a *humanização do divino* e a *divinização do humano*.

A humanização do divino significa a tradução dos conteúdos das religiões para uma linguagem humana, laica, isto é, numa linguagem compatível com os anseios dos indivíduos concretos. É o homem sendo colocado como valor central. Essa humanização do divino, por sua vez, desencadeia o processo de divinização do humano, que significa o ressurgimento da transcendência nas relações entre os próprios homens (transcendência horizontal), ou seja, é uma espécie de transcendência na imanência. Desse modo, assevera Ferry que

> [...] é esse duplo processo que faria do humanismo contemporâneo um *humanismo do homem-Deus*. No coração desse humanismo [...] o religioso não estaria destinado a se enfraquecer, mas, ao contrário, a encontrar sua forma mais autêntica. (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 9).

Portanto, o pensamento de Luc Ferry assevera que o homem hodierno tem um anseio pelo religioso e que homem e Deus estão em vias de aproximação, o que contraria a tese de Gauchet. No entanto, Luc Ferry, para defender sua posição, parte para uma definição precisa do que se pode entender pelo termo "religioso", lançando mão do debate com as ideias de Gauchet, para quem a ideia de religioso possui três grandes características:

1) O religioso se apresenta como *heteronomia*, ou seja, ele é um princípio exterior e superior à humanidade. Deus, o sagrado dita, organiza, põe as normas que regulam as ações dos homens em sociedade. Nesse sentido, a heteronomia apresenta-se como uma negação da autonomia humana.

> [...] os seres humanos se recusam a atribuir a si mesmos a organização social, a história, a elaboração das leis – e que, recusando-se a perceber a si mesmos como matrizes da organização social, da lei e do político, eles extra-põem essa fonte numa transcendência, numa exterioridade, numa superioridade e, em suma, numa dependência radical. (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 19).

2) O religioso está diretamente ligado à organização política e à produção da lei. Nesse sentido, ele pertence ao *passado*, a um tempo terminado, é algo ultrapassado. De modo mais preciso, dizer que o religioso pertence ao passado significa dizer que ele não é mais o discurso estruturante do espaço público, mas tornou-se um discurso entre outros.

> Mas o religioso pertence ao passado em um sentido muito mais profundo e muito mais estrutural: não é simplesmente que saímos da *ingenuidade* religiosa; é o fato de que o religioso, entendido nesse sentido, pertence a formas de organização política *tradicionais*, nas quais a lei é pensada como herança de uma tradição que, ela mesma, se enraíza num passado imemorial e finalmente divino. (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 20).

3) O religioso não é uma disposição natural do ser humano, não se configura como algo essencial, mas, ao contrário, é histórico, tem um começo e um fim. "[...] a religião não aparece mais como uma disposição metafísica, essencial à humanidade, mas como um momento histórico, ligado a uma organização social e política particular". (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 22).

Luc Ferry nos apresenta uma definição diversa do religioso que irá desembocar na ideia da transcendência. Em primeiro lugar, ele afirma que Gauchet tem razão em sua definição e que as características do religioso postas são procedentes. No entanto, existe, segundo Ferry, uma ideia muito mais profunda de religioso que também precisa ser considerada. É a definição do religioso que se situa no plano filosófico-metafísico e que também é procedente. É a ideia que diz respeito à relação entre o finito e o infinito, entre o relativo e o absoluto, que supera as meras definições do ponto de vista histórico e político.

Na definição filosófico-metafísica, o religioso deve ser entendido como uma relação da finitude com o Absoluto. Na ideia de Ferry, o religioso pode ser descoberto a partir das experiências autônomas dos indivíduos, das suas experiências vividas nas quais o religioso aparece como horizonte. Tal ideia supera a definição

do religioso como heteronomia. Da mesma forma como supera a ótica do religioso como pertencente ao passado, tendo em vista que "como horizonte de certas experiências vividas pelos indivíduos, ele pode perfeitamente tomar a dimensão do presente ou mesmo do futuro". (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 27).

Ferry expõe que essa dimensão filosófico-metafísica do religioso, ou seja, a transcendência, não significa apenas um invólucro conceitual, teórico, mas é uma dimensão legítima e incontornável da existência humana no âmago da sociedade laica, portanto, que o religioso é uma dimensão fortemente presente em nossos dias. Ele apresenta dois indícios, a saber: 1) a ideia de transcendência e 2) a noção de sacrifício.

A ideia de transcendência exposta por Ferry é a de uma transcendência como parte das experiências vividas dos indivíduos, é a "transcendência na imanência", portanto, não como heteronomia, como externa à consciência humana. Para explicar melhor sua ideia, Ferry se vale da filosofia kantiana. Segundo ele, a teoria de Kant sobre a verdade é a primeira figura da ideia de transcendência imanente. Para Kant, a verdade se funda no domínio das representações, não é algo que ocorre na relação correspondencial entre pensamento e objeto, mas numa ligação entre as representações subjetivas que temos dos objetos, na associação entre essas representações. Nesse sentido, a verdade funda-se na imanência da subjetividade, mas que vai além das particularidades individuais, adquirindo um caráter objetivo, universal.

Além do campo epistemológico, a figura da transcendência imanente também se apresenta no campo da moral. Aqui, mais uma vez, Luc Ferry se vale do pensamento de Kant, para quem a ação moral não deve se pautar na heteronomia, nos princípios externos ao sujeito, mas na própria autonomia da subjetividade pensante que, racionalmente, dá si seus próprios princípios de ação. Nesse sentido, a moral assenta-se sobre princípios humanos. Diante disso, Ferry expõe:

> [...] é essa reviravolta que me parece fundamental para compreender a situação do religioso hoje em dia. O religioso se reintroduz no final do percurso como o horizonte das práticas humanas; é esse o sentido dos famosos postulados da razão prática, a ideia de que a moral não é fundada na religião, de que se ela o fosse seria um desastre – é, portanto, o fim do teológico-ético –, mas que, ao mesmo tempo, no horizonte de nossas ações morais não pode deixar de existir uma problemática religiosa, aquela aberta pelos famosos postulados da razão prática. (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 31).

O que fica patente é que a dimensão do religioso, fundada na autonomia do indivíduo, está na ordem da transcendência imanente, pois, assim como a moral, o religioso faz o indivíduo tender a algo a partir da autonomia de suas experiências vividas. Portanto, assim como o pensamento, a representação, não precisa de um objeto externo para que ele seja verdadeiro, mas apenas da relação entre as representações. Assim como a ação não necessita de princípios externos ao sujeito para ser considerada boa em si mesma e, por conseguinte, moral, o religioso não precisa fundar-se numa transcendência externa à consciência humana, em outro plano de existência, para ser legítimo, para existir na sociedade. Ele pode assentar-se numa transcendência imanente.

O segundo indício apresentado por Luc Ferry para demonstrar que o religioso persiste e ganha cada vez mais força na sociedade contemporânea é a noção de sacrifício, noção essa tão cara às tradições religiosas e que, segundo o autor, é algo bastante presente hodiernamente. Diz Ferry:

> [...] a noção de sacrifício de modo algum desapareceu da problemática moral de nossos contemporâneos. Penso que, ao contrário, ela está presente, mas que simplesmente os motivos do sacrifício se humanizaram. [...] hoje na Europa não nos sacrificamos mais por entidades religiosas; mas, por outro lado, penso que inúmeros indivíduos estariam prontos a arriscar suas vidas para defender certo número de valores, ou, simplesmente, para defender seus próximos. (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 32-33).

A ideia de Ferry é chamar a atenção para um valor que é de uma extrema conotação religiosa e assevera "que a partir do momento em que se estabeleceram valores superiores à vida material, biológica, entre-se na esfera do religioso". (FERRY; GAUCHET, 2008, p. 33). Desse modo, a permanência de um princípio superior à vida material, do valor do sacrifício, no seio de uma sociedade laica, secularizada, materialista é, para Luc Ferry, indício de que o sentimento religioso é pertinente e está sendo retomado de modo cada vez mais forte hoje. A divinização do humano e a humanização do divino é a forma do reavivamento mundo exposta por Luc Ferry e que é o modo que o homem contemporâneo encontrou para superar os limites das morais laicas que se demonstraram, ao longo da história, incapazes de dar respostas, sentido às questões existenciais da condição humana como, por exemplo, o envelhecimento, a morte, o tédio, a banalização da vida, etc.

Gianni Vattimo: crítica do pensamento metafísico e retorno da religião

Vattimo constata que há um ressurgimento do interesse pelo religioso na contemporaneidade e tal ressurgimento ocorre numa esfera global. De uma maneira geral, durante muito tempo, os conteúdos religiosos, em nossa cultura secularizada, foram relegados ao esquecimento, por isso, considerados como um conjunto de ideias infantis das quais a humanidade precisava se libertar. No entanto, Vattimo frisa que todos nós ocidentais somos marcados por traços religiosos, especialmente cristãos, e que a secularização, com a qual pretendemos nos afastar desses traços, nada mais é do que a consequência "[...] de uma experiência religiosa autêntica" (VATTIMO, 1998, p. 9), pois a secularização significa que estávamos ligados a um núcleo sagrado do qual pretendemos nos afastar.

Ante tal constatação, Vattimo questiona-se como se dá o regresso do religioso no mundo contemporâneo. Em primeiro lugar, ele expõe que o retorno da religião deve estar diretamente ligado à história mundana dos homens, ou seja, à sua vida concreta, real, vida esta que lhe traz diversos dilemas como o envelhecimento, a morte, a proposição de projetos de vida que podem ou não ser realizados.

> [...] as ocasiões históricas que suscitam o problema da fé têm um traço em comum com a fisiologia do envelhecimento: tanto num caso como no outro o problema de Deus põe-se em conexão com o encontro de um li-

> mite, com o infligir de uma derrota. Acreditávamos poder realizar a justiça sobre a terra, verificamos que não é possível e recorremos à esperança em Deus. A morte pesa sobre nós como eventualidade iniludível, fugimos ao desespero dirigindo-nos a Deus e à sua promessa de acolhimento no reino eterno. (VATTIMO, 1998, p. 12-13).

Esta é uma primeira condição fática que faz o homem voltar a Deus, à religião. É o deparar-se com um limite físico. Além deste, nos deparamos ainda com os limites para resolver os inúmeros problemas posto pela vida moderna. Temos ainda as

> [...] questões que dizem respeito à biotécnica, sobretudo da manipulação genética às questões ecológicas e, ainda, a todos os problemas ligados à explosão da violência nas novas condições de existência da sociedade massificada. (VATTIMO, 1998, p. 13).

Além desses limites, Vattimo ainda expõe como motivo os constantes riscos globais que assolam a humanidade e põe em risco a sua existência.

> O retorno do religioso é antes de mais nada motivado pela premência de riscos globais que nos parecem inéditos, sem precedentes na história da humanidade, e começou logo depois da Segunda Guerra Mundial com o medo da guerra nuclear, e hoje, que este risco parece menos iminente por causa das novas condições das relações internacionais, difunde-se o medo da proliferação descontrolada desse mesmo tipo de arma e, de uma forma mais geral, a ansiedade diante das ameaças que pesam sobre a ecologia planetária e os receios ligados às novas possibilidades de manipulação genética. (VATTIMO, 2000, p. 92).

Contudo, Vattimo questiona essa busca de um Deus que serve apenas como refúgio consolador para os limites humanos. Essa atitude nos faz compreender Deus como algo oposto à racionalidade, como um ser que só se manifesta na ausência de qualquer razão. Isso é típico de uma forma primitiva de conceber a transcendência. Certamente que as condições ameaçadoras com as quais o homem contemporâneo se depara fazem-no voltar-se para Deus na busca de uma segurança, um amparo, e o próprio Vattimo reconhece isso quando diz que a questão do retorno do religioso deve estar ligada à história concreta dos indivíduos. Porém, ele também reconhece que esta não é a única condição que nos faz retornar à religião. Existe outra razão, de cunho filosófico, que certamente tem implicações mais significativas para a leitura do fenômeno religioso que aqui interessa.

> Não obstante ao cenário da renovada atualidade da religião na cultura comum, Vattimo ressalta que o ressurgimento do interesse pelo religioso não se limita, de um ponto de vista sociológico, a explicações externas. Do ponto de vista do pensamento crítico/filosófico, ao contrário, o retorno vem pensado distante de cada pretensão fundacionalista e, sobretudo, leva em consideração o plano das transformações no mundo do pensamento, das teorias muito distantes da postura que concebe a religião apenas como reação aos efeitos da sociedade de massa. (MAIA, 2015, p. 300-301).

A explicação filosófica está ligada às profundas transformações que ocorreram no âmbito do pensamento ocidental. O interesse filosófico pelo fenômeno

religioso pode ser explicado devido ao enfraquecimento de alguns paradigmas de pensamento que se consideravam definitivos, mas que se mostraram condicionados por fatores sociais, políticos, ideológicos, etc. Essa perspectiva se insere no quadro do pensamento pós-moderno, ou seja, no cenário da dissolução das formas de pensar universalistas, fundacionalistas, que tinham pretensões totalizantes. Segundo Vattimo, o mundo do pensamento passou por transformações essenciais, o que afetou, diretamente, a forma de se pensar a religião.

> A verdade é que o "fim da modernidade", ou, em todo o caso, a sua crise trouxe também consigo a dissolução das principais teorias filosóficas que julgavam ter liquidado a religião: o cientificismo positivista, o historicismo hegeliano e depois o marxismo. Hoje já não existem razões filosóficas plausíveis e fortes para ser-se ateu ou para recusar a religião. (VATTIMO, 1998, p. 17).

Como se sabe, ao longo da história do pensamento ocidental, (as chamadas metafísicas totalizantes) as (meta)narrativas modernas construíram os 'absolutos terrestres', configurados como a negação do 'absoluto divino', até certo ponto, pretenderam – e ainda pretendem – cancelar o espaço da fé. Dentre eles, podem ser citados, segundo interpreta Vattimo, o positivismo (que considerava a fé como ilusão), o hegelianismo (para o qual a religião nada mais é senão um avistamento mítico de alguma verdade a ser desvelada em sua plenitude pela razão filosófica), o materialismo dialética (a fé como alienação). Ora, no caminho da filosofia e do pensamento em geral tem-se o seguinte cenário:

> A filosofia contemporânea, em alguns pontos mais avançados e conscientes [...], construíram os instrumentos conceituais mais eficazes para a demolição destes 'absolutos terrestres'. E, assim feito o trabalho de demolição, é necessário e hoje sempre mais urgente: a fé, de fato, não é possível em um universo no qual o homem fosse apenas corpo; em um universo no qual a linguagem científica fosse a única linguagem dotada de sentido; no qual, o sentido da vida do indivíduo e da humanidade, na sua completude, fosse determinada pelas inelutáveis leis de desenvolvimento da história; no qual, a totalidade da realidade se resolvesse apenas no universo físico. Por isso: para quê a mensagem religiosa tenha o espaço de escuta é necessário que antes sejam destruídos os 'absolutos terrestres'. (ANTISERI; VATTIMO, 2008, p. 20).

Os interditos, pronunciados pela Filosofia contra a religião, cessam justamente com base na dissolução dos grandes sistemas. A revitalização da religião coincide com o abandono da noção de fundamento e da perda da capacidade de atribuir total sentido à existência por parte da Filosofia e do pensamento crítico em geral, isto é, a religião se torna o refúgio para tal busca de sentido. Esse abandono, no entanto, pode significar um retorno do Deus metafísico, fundamento imóvel da história, projeção dos temores humanos, expresso na necessidade do retorno da religião na consciência comum. Nesse sentido, não será difícil encontrar uma evidente 'aporia' entre o pensamento comum e o pensamento crítico, tendo em vista a postura inconsciente que assume o primeiro.

Vattimo entende que o fim dos grandes sistemas [o fim da metafísica] impõe uma precisa missão a reflexão crítica, que busca se apresentar como interpretação autêntica da necessidade religiosa da consciência comum. A missão consiste,

então, em demonstrar que a necessidade da consciência comum não seja satisfeita adequadamente com a pura e simples retomada da religiosidade 'metafísica', do renovado fundacionalismo ante a modernização da sociedade secularizada. A tarefa da crítica é, dada a plausibilidade da religião descoberta pela Filosofia em meio à dissolução dos metarelatos (metafísicos) e para além dos esquemas da crítica iluminista, possibilitar que o reencontro da religião seja compreendido nas condições históricas da existência na modernidade tardia, não a uma retomada dos dogmas e princípios metafísicos. Isso ocorre em virtude da tendência que radicaliza criticamente a consciência comum e toda e qualquer pretensão, seja de uma recaída em um Deus como fundamento, seja em função de retomada da Metafísica. De fato, a reação da consciência comum é, em sua totalidade, 'inadequada' a leitura do acontecer do fim e do ultrapassamento da metafísica.

As considerações de Vattimo sobre o retorno do religioso só podem ser devidamente compreendidas com base nas influências de Nietzsche e Heidegger. Assevera Vattimo:

> Seja como for, é daqui que parte meu discurso, que se inspira nas ideias de Nietzsche e de Heidegger sobre o *niilismo* como ponto de chagada da modernidade, e sobre a consequente (sic) tarefa, para o pensamento, de tomar consciência do fim da metafísica. (VATTIMO, 1998, p. 18).

Num primeiro momento, a perspectiva vattimiana do retorno do religioso assenta-se na ideia da "morte de Deus"[1], anunciada por Nietzsche, que representou, para o pensamento ocidental, a morte do Deus metafísico, o fim dos fundamentos absolutos, das verdades inquebrantáveis. Este anúncio inaugurou a era no *niilismo*.

A ideia de *niilismo* tem um papel central no pensamento de Vattimo sobre a religião. Mediante essa ideia, o filósofo italiano retoma formas de pensar que foram preteridas pela modernidade por serem consideradas racionalmente infundadas, como o caso do pensamento religioso, considerado pelos modernos como um pensamento mítico, ilusório, irracional, que em nada poderia contribuir para o progresso e emancipação da humanidade. No entanto, com o enfraquecimento da racionalidade moderna a partir no *niilismo*, o discurso religioso pôde retomar seu espaço na sociedade contemporânea, marcadamente pluralista. Desse modo, Gianni Vattimo concebe a possibilidade de um retorno do religioso, de uma volta ao discurso sobre Deus, porém, um Deus visto sob o prisma hermenêutico, ou seja, um Deus

> que não existe como realidade objetiva fora do anúncio da salvação que, de formas historicamente mutáveis e predisposta a uma contínua reinterpretação por parte da comunidade dos crentes, nos foi feito pela Sagrada Escritura e pela tradição viva da Igreja. (VATTIMO, 2004, p. 14-15).

Portanto, o *niilismo* inaugurado por Nietzsche, que efetuou "uma verdadeira dissolução da modernidade mediante a radicalização das próprias tendências que a constituem" (VATTIMO, 1996, p. 171) foi o ponto de partida para o (retorno

[1] O Deus que morreu é o Deus da metafísica e das religiões tradicionais, concebido como transcendência e alteridade absolutas, criador todo-poderoso do mundo e senhor da história. A morte do 'Deus do filósofos' abre espaço para o renovado interesse da religião. A inexistência de verdades absolutas implica a inexistência de possibilidade de negação racional de Deus. Cf. MAC DOWELL, *Que futuro para o cristianismo*? IN: Interações, 2010,v. 5 n.7, p. 175.

do) fenômeno religioso, porém, um religioso sem a marca das estruturas metafísicas, pois, do contrário, seria um retorno ao fundamentalismo da metafísica moderna, o retorno de um Deus absolutizado, rígido, intolerante e violento. Nas palavras de Vattimo:

> O anúncio de Nietzsche, segundo o qual "Deus morreu", não é uma afirmação de ateísmo, como se ele estivesse dizendo: Deus não existe. Uma tese do gênero, a não existência de Deus, não poderia ser professada por Nietzsche, pois do contrário a pretensa verdade absoluta que esta encerraria ainda valeria para ele como um princípio metafísico, ou uma "estrutura" verdadeira do real que teria a mesma função de Deus da metafísica tradicional. (VATTIMO, 2004, p. 9).

A segunda influência de Vattimo ao pensar o retorno do religioso é Heidegger. Este, fazendo uma espécie de "história do ser", entendeu este ser não como uma realidade objetiva, mas como evento, como acontecimento. O ser, portanto, em Heidegger, não é mais uma estrutura objetiva que a mente deveria espelhar, adequando-se a ela em suas escolhas práticas, mas um acontecimento que deve ser interpretado no próprio evento. O grande mérito de Heidegger em superar a metafísica objetivista é evitar que a realidade em geral e o homem, em particular, tornem-se instrumentos, meros objetos da sociedade produtivista.

> [...] a metafísica da objetividade pode ser resumida num pensamento que identifica a verdade do ser com a calculabilidade, mensurabilidade e, em definitivo, manipulabilidade do objeto da ciência-técnica. Ora, nesta concepção do ser como objeto mensurável e manipulável escondem-se as bases daquilo a que Adorno chamará o mundo da "organização total", no qual também o sujeito humano tenderá fatalmente a tornar-se puro material, parte da engrenagem geral da produção e do consumo. (VATTIMO, 1998, p. 20).

É nesse sentido que Heidegger e Vattimo, seguindo a sua esteira, irão pensar o ser numa perspectiva distinta da metafísica. A partir daí, pode haver uma aproximação do pensamento filosófico, bem como da cultura secularizada, da religião. Além dos limites físico e intelectual e dos riscos globais que ameaçam a humanidade, que impõem ao homem uma sensação de impotência ante a realidade, e dos fatores filosóficos, Vattimo apresenta, ainda, uma outra ideia que explica o retorno da religião hoje. Essa ideia está diretamente ligada à questão da secularização.

O processo de secularização iniciado na modernidade não representa, para Vattimo, uma ameaça às religiões, mas significa, ao contrário do que comumente se imagina, a sua plena realização, na medida em que os conteúdos das religiões encontram espaço para se concretizarem, ou seja, passam a fazer sentido para o homem comum, no seu cotidiano, isso devido ao abandono dos pressupostos metafísicos. Nesse sentido, a secularização não representa um acontecimento antireligioso.

> À luz da *kénosis*, secularização tem sentido de enfraquecimento do ser, de uma destituição de fundamentos absolutos. Se, contudo, a secularização é o modo pelo qual se atua o enfraquecimento de Deus, ou seja, kénosis de Deus, que é o cerne da história da salvação, ela não deverá ser mais

> pensada como fenômeno de abandono da religião, e sim como atuação, ainda que paradoxal, de sua íntima vocação. (VATTIMO, 2004, p. 35).

Vattimo expõe, portanto, a realização da religião como parte do processo de secularização, que pode ser representada pela ideia de *Kénosis*, que é a ideia do esvaziamento, ou seja, do Deus que se despoja da sua condição divina e assume a condição humana na encarnação de Cristo. É esse despojamento, esvaziamento, o ponto fulcral da história da salvação; sem ele, a promessa cristã não teria se realizado. Portanto, o esvaziamento de Deus, ou em um pensamento paralelo, o enfraquecimento da religião como expressão do Deus absoluto, representa a própria realização da religião, agora como um espaço, um discurso, entre outros. Essa ideia marca a época pós-moderna. Nas palavras de Vattimo:

> A secularização, iniciada na encarnação, continua em processo na pós-modernidade e tem como possibilidade, além de devolver à religião seu lugar central na sociedade pós-metafísica, educar o ser humano para a superação da essência originária violenta do sagrado e da própria vida social. (VATTIMO, 1998, p. 41).

Diferenciando-se do pensamento moderno, que buscava resgatar a dignidade do homem, a sua supremacia, mediante a superação da religião e do seu discurso teológico, podemos ver que a filosofia de Vattimo tem como tarefa central, como problema fundamental, a defesa do humano mediante um resgate da figura de Deus, através de um retorno à religião, porém uma religião e um Deus não mais absolutizados, opressores. Essa é a experiência religiosa pós-moderna defendida pelo filósofo italiano, na qual o homem busca o sagrado motivado pela caridade, e não pelo medo, pela superstição.

Considerações finais

Do exposto no texto, fica claro que o mundo contemporâneo está caracterizado pela presença de uma renovada experiência de fé e por diversas experiências religiosas. Isso também implica reconhecer que tais experiências no âmbito do fenômeno religioso são distintas das praticadas pela religião do tipo institucional, pois estas ainda são marcadas pela consideração dos conteúdos da fé como verdades absolutos[2]. Há um questionamento mais direto das instituições do que da fé ou da convicção religiosa em si. Com isso, pode-se compreender que o próprio fenômeno religioso, tomado sob o prisma de um 'retorno', em parte não representaria algo novo, tendo em vista o papel da religião como compensação e integração. Também é importante considerar que o papel social da religião no chamado mundo secularizado teve seu 'fim', mas não significou o fim da crença religiosa (indivíduos religiosos).

A crítica da religião, seja do ponto de vista moderna ou pós-moderno, ultrapassa os limites institucionais, enfrenta o papel social que a religião outrora

[2] Convém aqui lembrar que: "Neste caso, a religião desenvolve principalmente uma função de compensação dos males da existência e de garantia da nossa identidade e pertença". (Cf. CRESPI, F. A Experiência religiosa na pós-modernidade. São Paulo: EDUSC, 1999, p. 09)

exercia e vai na direção da desconstrução de toda forma de dogmatismo e autoritarismo. Existem razões socioculturais e filosóficas que explicam o retorno do fenômeno religioso na contemporaneidade que poderiam ser devidamente refutadas à luz da crítica de Marx. Porém, isso implicaria transpor o quadro teórico marxiano para uma leitura do fenômeno. Embora reconhecendo o valor de tal crítica, optou-se em recorrer aos intérpretes de nosso tempo que, mesmo considerando os fatores acima expostos, tencionam para uma leitura crítica no panorama contemporâneo que analise o fenômeno sem seu sentido mais difuso e positivo para a existência humana.

Desse modo, pode-se avaliar como um aspecto positivo do reavivamento religioso na contemporaneidade o resgate do aspecto humano da religião, aspecto este que tanto Luc Ferry quanto em Gianni Vattimo ressaltam em suas teorias, como foi possível perceber no texto. No entanto, é importante que isso seja destacado, que as instituições religiosas precisam resgatar seu valor humano, pois o que já vem ocorrendo no âmbito das teorias não tem sido acompanhado no campo da prática religiosa. A separação, os conflitos, o dogmatismo ainda são marcas fortes das religiões, especialmente, das grandes religiões ocidentais.

Luc Ferry e Gianni Vattimo levantam aspectos que nos convidam a uma reflexão crítica. São pensadores extremamente atuais no que diz respeito às condições fundamentais da convivência das religiões com a sociedade secular. Essa convivência precisa ser pensada e repensada constantemente para que nem a religião perca a sua dimensão essencial da espiritualidade e a sociedade o seu caráter secular.

Referências bibliográficas

CRESPI, F. *A Experiência religiosa na pós-modernidade*. São Paulo: EDUSC, 1999.

FERRY, Luc; GAUCHET, Marcel. *Depois da Religião:* o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei? Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

MAC DOWELL, J. A. A. Que futuro para o cristianismo? *Interações*, v. 5, n.7, 2010.

MAIA, A. G.B.; PAULINO, G. *Filosofia, religião e secularização.* Porto Alegre: Editora Fi/Edições UVA, 2015.

OLIVEIRA, Manfredo A de. *A religião na sociedade urbana e pluralista.* São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Temas de Atualidade).

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

______; *O fim da modernidade:* hermenêutica e niilismo na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

______; DERRIDA, J. *A religião:* o seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

______; *Non essere Dio – un'autobiografia a quattro mani.* Torino: Aliberti editore, 2006c.

______; GIRARD, Renê. *Veritá o fede debole? Dialogo su cristianesimo e relativismo.* Pisa: Transeuropa, 2006b.

______; *Acreditar em Acreditar.* Trad. Elsa Castro Neves. Lisboa: Relógio D'Água editores, 1998.

______; ANTISERI, Dário. *Ragione filosofica e fede religiosa nell'era postmoderna.* Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2008.

______; D'ARCAIS, Paolo Flores; ONFRAY, Michel. *Atei o credenti? Filosofia, politica, etica, scienza.* Roma: Fazi editore, 2007.

Sobre os autores

Antonio Gladenir Brasil Maia

Pós-Doutor em Filosofia (UFC); Doutor em Filosofia (UFPB-UFPE-UFPRN); Professor do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Professor do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professor do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC); Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia da Religião (Gephir/CNPq); Coordenador do Gt Ética e Cidadania/ANPOF; Bolsista BPI/FUNCAP. E-mail: glaudenir@gmail.com

Marcos Fábio Alexandre Nicolau

Doutor em Educação (UFC); Doutorando em Filosofia (Dinter PUC-Rio/UVA); Professor do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Professor do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC); Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia da Religião (Gephir/CNPq); Membro Gt Ética e Cidadania/ANPOF; Bolsista BPI/FUNCAP. E-mail: marcosmcj@yahoo.com.br

Renato Almeida de Oliveira

Doutor em Filosofia (UFC); Professor do Curso de Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA); Professor colaborador do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC); Membro do Grupo de Pesquisa Filosofia da Religião (Gephir/CNPq); Membro Gt Ética e Cidadania/ANPOF. E-mail: renatofilosofosds@yahoo.com.br

Recebido em: nov/2017

Aprovado em: abr/2018

Como referenciar este artigo

MAIA, Antonio Gladenir Brasil; NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre; OLIVEIRA, Renato Almeida de. Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade. *Argumentos*: Revista de Filosofia. Fortaleza, ano 10, n. 19, p. 48-61, jan./jun. 2018.